

# Escola de Música: Aspectos Administrativos e Pedagógicos

**Emmanuel Heli Leonel de Andrade**

*emanuelheli@live.com*

Universidade Estadual de Maringá

**RESUMO:** Este artigo apresenta um Relato de experiência da disciplina de estágio do quarto ano, curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Maringá. O intuito dessa pesquisa é entender um pouco melhor a dinâmica do mercado de Educação Musical na Cidade de Maringá. Para isso foi realizada uma entrevista com um proprietário de uma escola de música que atua a muitos anos na cidade. No texto, examina-se a organização da escola como empresa, seu espaço físico, os materiais empregados, a metodologia e questão financeira, chegando-se a conclusões sobre a dinâmica de atuação no mercado da educação musical na cidade de Maringá. Bem como aspectos metodológicos e de gestão.

**PARAVRAS-CHAVES:** Educação Musical, Escola de Música, Mercado de Trabalho.

## Introdução

Este artigo surgiu a partir de uma atividade proposta em sala de aula no curso de graduação em Música da Universidade Estadual de Maringá, que visou compreender a dinâmica de atuação em diferentes campos do mercado de trabalho em Educação Musical na cidade de Maringá.

Nos últimos anos o trabalho com música em uma perspectiva educacional tem crescido, prova disso é o surgimento cada vez mais constante de escolas de música e cursos online de instrumentos. Pensando nisso, trago como foco desse estudo uma escola de música com mais de vinte anos de atuação na cidade. Para melhor compreender a dinâmica da escola, realizei uma entrevista semiestruturada com o proprietário, com a finalidade de obter dados que pudessem dar subsídios para discutir aspectos estruturais, administrativos e pedagógicos.

A segunda etapa dessa investigação contou com a transcrição da entrevista e verificação dos dados, para que fosse traçado um panorama geral do perfil da escola. Após este esforço, foram feitas considerações gerais sobre o panorama do mercado de música voltado para a educação musical, com foco na escola de música e as especificidades que ela apresenta para o mercado e área em geral. Para análise dos

dados tomei como referência a pesquisa de Cunha (2009) que aborda a escola de música como um ambiente empresarial e pedagógico.

## **1. Organização da escola como empresa**

Entendendo a realidade do mercado de trabalho como um campo de estudo emergente da Educação musical, foi feita uma entrevista com o dono da escola de música Salmus na cidade de Maringá. De acordo com o entrevistado:

não é fácil sobreviver da música, mas quando você tem uma paixão e quando você trabalha sério... aah! você vai superando seus limites, entendeu? Então eu tenho um trabalho sério, já faz algum tempo eu tô dando aula pra segunda geração... O camarada que aprendeu comigo lá atrás, ele já casou, já tô dando aula pro filho dele! Então, quer dizer, quase terceira geração aí né (..) E isso é observado, então a gente tem credibilidade! A escola que eu tenho hoje, a Salmus, tem 20 anos e nos últimos 6 anos eu to com a mesma equipe. Então eu considero isso um feito muito bacana, pela parceria que a gente tem, pela metodologia que a gente tem aplicado, e, também por eles observarem em mim... essas pessoas que tem dado certo ao longo desses anos. (Paulo Roberto de Lima)

Apesar de ser um profissional no ramo musical, o entrevistado demonstra uma visão de mercado a respeito da Educação Musical, pode-se então dizer que o dono dessa escola possui uma visão da música como negócio. Indo ao encontro dessa afirmação Estevão (2004) se refere a escola como uma empresa educativa, pois ela está diretamente vinculada ao mundo industrial, e seus valores estão alicerçados na eficiência, eficácia, modernização, profissionalismo e tecnicidade.

Outro diferencial que chama a atenção nessa Escola/empresa é o sistema de parceria que acontece entre o proprietário e os demais professores/colaboradores. Segundo o proprietário isso traz muitos benefícios para a escola como um todo.

A respeito dos recursos instrumentais disponibilizados pela escola Salmus, fica sobre a responsabilidade de cada professor prover o instrumento ensinado, visto que a escola trabalha com sistema de parceira. Porém, existem alguns instrumentos que são de uso comum, dessa maneira os instrumentos acabam sendo fornecidos a todos os membros. A escola atualmente trabalha com uma demanda maior de alunos voltada para música popular, e apenas uma pequena parcela que tem preferência por cursos considerados eruditos, como afirma Paulo Roberto de Lima em entrevista:

Então quando eu montei a escola, eu quis montar um... trabalho mais na linha popular assim, eu não tenho hoje muito erudito. Então eu não tenho violino, não tenho piano clássico... eu tenho mais na linha popular, que é violão, bateria, guitarra, contrabaixo, teclado, a técnica vocal. Hoje, é... a demanda é assim é, digo pra você que é... 10 por 1 cara de popular, entendeu? É muito pouco! Muito pouco... (Paulo Roberto de Lima).

## 2. Organização da Empresa como Escola

A Escola/empresa analisada dispõe de uma estrutura que atende seus alunos/clientes com excelência, desde salas aulas com equipamentos de áudio de qualidade, ambientes climatizados até os próprios instrumentos que são oferecidos para as aulas. Buscando maior excelência a escola desenvolve uma metodologia que proporciona o desenvolvimento de seus alunos. Sobre isso o Sr. Paulo Roberto de Lima comenta:

Metodologia é tudo do que eu estudei, né?! (...) Eu tive a graça de Deus de pode estudar num colégio, numa escola muito renomada aqui no Brasil, que é a Souza Lima. Então, toda... toda a metodologia é dali. E hoje a gente mantém contanto também com a galera. Então o que eu aprendi lá? Desde A à Z, né?! Então eu desenvolvo isso... A mesma coisa, a lógica que você põem a sua cara. Você aprendeu de um jeito você procura fazer aquela mesma ideologia, mas você põem a sua cara, seu jeito né... (Paulo Roberto de Lima).

A respeito dos cursos ministrados e do perfil dos alunos, o proprietário pontua que a procura pelos cursos chamados populares é maior e a demanda dos cursos tidos como eruditos é menor. Segundo o Sr. Paulo Roberto de Lima isso influencia diretamente na metodologia:

Isso vai deixando, então por exemplo essa parte de leitura né, de ler ... dai eu não...num... fica ineficiente mesmo dai não tenho interesse, quero pegar mais de ouvido. E também é bacana, né?! Também é bacana. Eu falo aqui pela escola né, aqui hoje é 95% dos alunos tudo... tudo alunos da parte... apesar de eu oferecer só curso popular né?! Mas eu ministro dentro do... do... dos meus cursos, aaah... essa leitura, notas e tal. Mas quando eu começo trabalha nessa leitura de lê o povo já começa ficar preguiçoso “ahhh não...” já que trocar de ouvido entendeu?! Nós temos uma cultura assim, mas é incrível não é porque é o Brasil que só fala “ahh o Brasil” não! Não é não. Tem regiões que o pessoal já, já gosta já, sabe?! Trabalha isso. (Paulo Roberto de Lima).

Para Cunha (2009) a forma de se trabalhar leitura musical é um dos aspectos relevantes de uma escola. Ela defende que os modos de trabalhar estão baseados nas

estratégias utilizadas pelos professores na sala de aula, como também nas estratégias numa dimensão mais ampla, como, por exemplo, na autocrítica sobre o trabalho, nas combinações entre professores.

Ao pensar no desenvolvimento dos alunos e sem descuidar da equipe de profissionais/parceiros que fazem parte do quadro de funcionários, o dono da escola Salmus, comenta sobre a importância de se dar valor e escolher muito bem equipe de profissionais que compõe o quadro docente:

Hoje a gente tem 8 colaboradores né?! O critério é assim: é na área de cordas, (...) e todos eles são [foram] alunos meus. Eles pegaram minha didática e tão desenvolvendo, tão trabalhando. Então eu tenho trabalhado dessa forma... é uma... uma... sem demagogia é uma coisa que tem dado certo, né?! (Paulo Roberto de Lima)

Os profissionais que fazem parte do quadro de funcionários são selecionados pelo proprietário da escola, segundo ele, dessa maneira é mais fácil manter a linha de trabalho que vem sendo desenvolvido, isso “tem dado resultados”, tanto do ponto de vista do ensino, quanto do ponto de vista comercial.

Os meus professores têm aí o jeito deles, mas a metodologia é uma só, né?! Playlist... então a gente tem aquilo que eu já te falei, começo, meio e fim... (...) os professores são avaliados por mim também, né?! Nessa questão da leitura (...), tem que ter um certo conhecimento, também tenho pedido para eles estar fazendo curso de música, tem uma professora minha, de bateria, também tá no segundo ano da graduação em música também (Paulo Roberto de Lima).

Ainda sobre os colabores que fazem parte do quadro de funcionários, o proprietário da escola Salmus, salienta a importância de se “vender música”. Para ele é fundamental que a equipe de professores domine os instrumentos que se propõem a ensinar e que tenham uma fluência musical fundamentada em conhecimentos sistematizados. Ele defende que o professor de música precisa ser dedicado e realmente ter conhecimentos musicais, de modo que ele não contrata pessoas que aprenderam a “tocar um pouquinho”:

Porque a gente trabalha com música, a gente vende música, então nada mais justo do que uma pessoa realmente que tá na área, entendeu?!”. Tem muito isso, o cara estudou um pouquinho, pegou um pouquinho um pela internet e já tá dando aula é... entendeu? E aí não e bacana! você vai ver que o aprendizado vai ficar com falhas”. (Paulo Roberto de Lima).

Para Cunha (2009) a seriedade e comprometimento da escola em relação aos professores se dá através de ações administrativas que promovam a prática desse profissional como por exemplo a interação das aulas entre os professores. Segundo ela, esse tipo de ação gera ganhos que garantem a continuidade, fluxo e a troca de trabalhos e embasamento teórico.

O proprietário da escola Salmus, optou por uma forma de trabalho diferenciada da maioria que existe na região, segundo ele o sistema de sublocação foi a maneira escolhida. Basicamente cada professor faz a sublocação de uma sala, dessa forma, apenas esse professor e o proprietário tem acesso a sala. De acordo com o proprietário isso fortalece o trabalho do professor, pois ele fica com o valor integral da mensalidade dos alunos, além de ter um espaço exclusivo para suas aulas e todo o conforto que a estrutura oferece.

A parte financeira né, a gente trabalha... eu sou um dos pioneiros aqui, eu subloco as salas com os meus profissionais. Então meu profissional, ele não é, como quase todas escolas... (...) eu sub loco num valor x entendeu? Então vamos supor que eu sub loco aqui que não é esse valor, mas vamos dar a exemplo, eu sub loco aqui a sala por 500 reais se o professor tem 10 alunos ele me paga 500 reais, se ele tem 20 alunos ele me paga 500 reais, se ele tem 30 alunos ele me paga 500 reais. Isso entra numa, linha de que fortalece mais ainda a questão do camarada. (Paulo Roberto de Lima).

O proprietário da escola Salmus justifica sua opção de trabalho, explicando que é comum os professores de escolas, principalmente os que trabalham em parceria ao conquistarem um número de alunos saírem de onde trabalham e montarem sua própria escola. Segundo ele um profissional que possui um grande número de alunos nesse sistema, ao deixar a escola onde trabalha pode prejudicar a estabilidade econômica da escola.

O que acontece? O que a gente vê hoje nas escolas é assim, se vai trabalhando parceria, parceria, parceria, chega uma hora que o camarada tem lá mais de 30 alunos e ele quer montar a escola dele, e aí ele sai do estabelecimento, cara, então ele vai montar a escola dele, vai ficar repartindo ... só que daí acontece uma coisa que já aconteceu com vários colegas: o pessoal vai e acha que é fácil ter uma escola: "ah fulano tá ganhando dinheiro e tal, e fácil?" não é assim né cara! A gente tem mito. A minha escola hoje é uma escola que eu tenho cnpj, eu tenho funcionário, funcionário registrado em carteira, né registrada profissional com carteira profissional, eu tenho meus impostos que eu pago que são muitos entendeu, não fácil ter escola não. (Paulo Roberto de Lima).

De acordo com Derouet (1996, citado por Cunha, 2009) as instituições educativas constituem-se em unidades políticas, isso chama a atenção para o fato de

que os acordos no âmbito institucional são difíceis mesmo os mais localizados, em contraposição ao nível das estruturas administrativas, como o Estado. Isso acontece pela quantidade de princípios e regras que existem no interior da instituição, que, segundo ele, é composta de vários mundos “Os princípios geradores de regras, objetos (manuais, equipamentos pedagógicos, etc.), as rotinas de interpretação ou de ação constituem os mundos que se encontram ao nível do estabelecimento” (DEROUET, 2000, p. 126, citado por Cunha, 2009).

### **Considerações Finais**

O presente trabalho teve como foco compreender um pouco melhor como é a dinâmica de atuação em diferentes campos do mercado de trabalho em Educação Musical na cidade de Maringá.

Neste sentido, o caminho traçado contou com um olhar detalhado para a entrevista do proprietário da escola Salmus e a estruturação de um esquema de funcionamento dessa escola, desde aspectos técnicos jurídicos até a gestão de alunos/clientes, professores/colaboradores e também da linha de trabalho adotada na escola.

Com isso espero contribuir de forma válida e eficiente a respeito do cenário do mercado do mercado de trabalho na região de Maringá em educação musical, com base nas experiências relatadas a partir das entrevistas e de todos os ganhos que esse estudo apresentou.

### **Referências:**

CUNHA, Elisa da Silva e. **COMPREENDER A ESCOLA DE MÚSICA COMO UMA INSTITUIÇÃO**: um estudo de caso em Porto Alegre –RS. Repositório digital, 04/10/2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2/browse?value=Cunha%2C+Elisa+da+Silva+e&type=author>. Acesso em: 04/10/2018.

DEROUET, Jean-Louis. **O Funcionamento dos Estabelecimentos de Ensino em França**: um objecto científico em redefinição. In: BARROSO, João et al. (Org.). O Estudo da Escola. Porto: Porto Editora, 1996.

DEROUET, Jean-Louis. **Pluralité des mondes et coordination de l'action**: l'exemple 231 dês établissements scolaires. In: L'ECOLE dans plusieurs mondes. Paris: De Boeck & Lacier, 2000.

ESTEVIÃO, Carlos V. **Sentidos de Escola, Profissional Docente e Formação**. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1 jan./jun. 2004.